LISBOA — TERÇA-FEIRA, 2 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 101 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

OS criados dos cafés, hoteis e restaurantes do Porto declararam-se em greve, porque querem receber um salario e não pagar-se com a incerta *gorgeta* dos fregueses.

Ignoramos se estes, na Invicta, costumam ser tão generosos como nós, os lisboetas. Parece-nos que não, aliás a greve não estalaria. Se os proprietarios dos mesmos estabelecimentos, em Lisboa, quizessem realmente acabar com a *gorgeta* e fixar um salario, ardia Troia.

—«Não queremos... não queremos!»— clamariam em côro os nossos grevistas, que não deixariam de ter o apoio de alguns jornais que engordam, apoiando as classes que reclamam.

E dificil seria convencê-los do contrario —tão dificil que o conflito só se resolveria, subindo o preço dos consumos e avolumando mais a *gorgeta*, para que os fregueses compreendessem que não lhes é licito, em caso de greve, desinteressar-se da sua solução.

A democracia está-se organizando de sorte que, quando uma classe melhora a sua situação, todas as outras pagam essa melhoria.

* * *

O sangue rubro da Espanha, dessa Espanha abrazadora, que é uma tarde escaldante de tourada, linfou-se um pouco com o revés sofrido em Marrocos.

Sacudiu de ponta a ponta, durante dias, a terra nossa visinha, em ciclone de desalento.

Com a natural reacção, abre-se em todos os peitos um sentimento de desforra, que é quasi de vingança.

Caramba! Porque não ha-de a Espanha triturar Marrocos, fazendo desabar sobre aquele solo revoltado a alma de D. Quixote?

E' que lá em baixo, naquela arena imensa, que arde chamas devoradoras, os «espadas» da patria do Cid têm de ser de bronze para fazer luzir as suas fainas, porque lutam contra o fogo da natureza e contra o fogo mais ardente ainda de alguns milhões de almas.

* * *

OS criados de cafés e restaurantes dividem-se quasi tumultuariamente a discutir se deve ou não ser abolida a gorgeta.

Uns, pelejam com encarniçado calor pela sua conservação. Outros, barafustam contra o direito de generosidade do freguez— generosidade que consideram humilhante para o seu caracter.

Ora, emquanto o caso se não põe a claro, convém á delicadeza natural do consumidor, na impossibilidade de adivinhar a opinião de quem o serve, abster-se de dar gorgeta...

* * *

NA Camara dos Deputados ergueram hoje a voz a favor do Douro os deputados srs. Manuel Fragoso e Serafim de Barros.

O primeiro, que, serena e inteligentemente, colocou a questão no devido pé, salientando a necessidade de se acudir áquela região, declarou esperar que a comissão parlamentar de agricultura saiba cumprir o seu dever.

UM PLANO DE GOVERNO

Efectivamente o governo apresentou-se ontem, na Camara dos Deputados, onde leu uma declaração bastante longa, na qual se anunciam medidas tendentes a conjurar os perigos da nossa situação economica e financeira. Se nos é licito, desde já, tirar prognosticos do caracter e andamento da sessão, parece-nos que ainda não está bem definido o ambiente moral, dentro do qual se decidirá a sorte do governo.

Se ha já vontades dispostas a guerreá-lo sem contemplações, tambem não lhe faltam apoios decididos que devidamente aproveitados devem robustecer-lhe a sua situação. Os indecisos naturalmente seguirão a linha do menor esforço ou a da sua maior conveniencia, visto que não lutam por uma crença ou convicção muito funda. Desde que o governo se mostra na decisão de realizar uma obra, sacrificando-lhe falazes e passageiros aplausos, urge que o mais rapidamente possivel leve ao parlamento as suas propostas de salvação nacional—propostas, é claro, preparadas e estudadas não para proteger a sua retirada ou a sua queda, mas sim para afirmar a sua vitalidade.

Se conseguir colocar as oposições nêste dilema—ou colaborar com o governo, para que as suas propostas sejam amplamente discutidas, até serem convertidas em lei ou então encetar uma campanha de obstrucionismo feroz que dê ao país a impressão nitida de que os seus intuitos são menos que patrioticos—o exito não o abandonará, porque, mesmo que haja de cair, toda a gente compreenderá as fortes rasões que o forçaram a isso. O que o governo carece, sobretudo, é de se não deixar embaraçar em qualquer desses meandros de intrigas que os espertos provocam para ruina dos ingenuos. Tambem é um erro de tática não saber graduar as questões, segundo a sua importancio real, consumindo-se frequentemente uma grande dose de espirito combativo na defesa de coisas cujo valor é quasi nulo.

Conseguirá o governo escapar a esta *ratoeira* em que se perdem ás vezes homens chejos de experiencia e bom conselho?

As providencias que constam da declaração ontem lida e que visam a redução das despesas envolvem uma alteração tão larga nos serviços publicos que não nos espanta, se contra elas se erguerem clamores e coleras em enorme vaga.

Sente-se o governo com ombros para resistir?

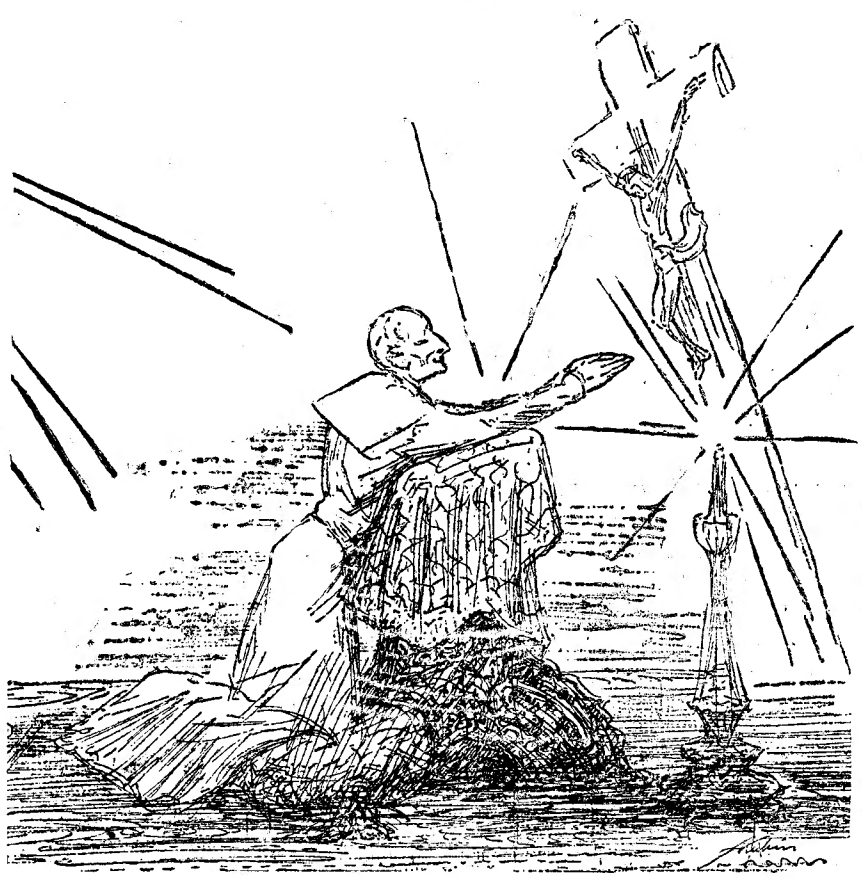
Que meça bem as suas forças, para que nos não ofereça o deploravel espectaculo dum valente que não sabe fazer valer a sua propria valentia.

Promete empenhar-se, a fim de criar receitas, numa remodelação do actual sistema de impostos diretos, estabelecendo o imgosto geral sobre o rendimento. Veja bem o governo no que se mete! Um dos meritos da politica é determinar a melhor ocasião para efetivar uma reforma.

Não acreditamos que a hora presente seja favoravel aos seus honestos propositos em tal assunto.

Dias mais favoraveis hão de chegar. Entretanto acometa o governo a crise atual, sem o prurido de inovações dificeis obrigando o parlamento a ser justo, trabalhando para o bem comum e não a ser precipitado, concorrendo para o seu proprio descredito.

O PAPA...



(Do Simplicissimus)

ou a cruz inclinando-se para receber a prece dum homem.

NO Poço do Bispo têm-se dado muitos casos de febre tifoide. Um sub-delegado de saude, que por lá andou em serviço sanitario, disse que, por falta de agua propria para consumo, a gente pobre se tem servido da que encontra em velhos poços insalubres—o que originou a nascente epidemia. Esta explicação simples e comesinha não é bem um processo de cura. Ajuda os raciocinios lentos a tornarem-se um pouco mais expeditos. Os humildes, sabendo qual a causa de tanta doença, é possivel que reflitam sobre este absurdo — ou viver sem agua, visto que os contadores a não fornecem, ou morrer com agua, mas da que se corrompe em poços sombrios.

Como os gostos são diversos, a explicação do sr. sub-delegado de saude ha-de ajudar os ignorantes e os timidos a escolher, sem a mais leve duvida. No Poço do Bispo, todas as ilusões são permitidas, menos a de morrer com elas.

* * *

COM o numero do *Diario do Governo* hoje distribuido, recebemos o *Diario do Senado* referente a 10 de Agosto de 1920.

Chega um pouco tarde.

Mas é de justiça confessar que encontrámos no seu texto um grande sabor de actualidade.

* * *

OS amigos e admiradores de Antonio Augusto Gonçalves prestaram ontem, em Coimbra, ao ilustre artista e professor uma comovida homenagem que consistiu principalmente na entrega de um album colaborado pelos nossos escritores de maior nome.

* * *

OS JORNAIS de hoje dizem que o sr. Portugal Durão não pode ser deputado por exercer o cargo de administrador delegado da Companhia da Zambézia.

Aquele senhor afirmou hoje a um dos nossos redactores que antes da realização das eleições, abandonou aquele cargo.

* * *

A QUESTÃO das eleições pelo circulo ocidental de Lisboa deve ficar hoje resolvida pela comissão de verificação de poderes, a contento dos candidatos monarquicos.

* * *

A'MANHÃ começará no Parlamento o exame ao acto eleitoral de Aveiro. E' quasi certo que a eleição se repetirá.

* * *

COM o deputado por Setubal, sr. Ramos da Costa, conferenciou hoje demoradamente, no Parlamento, sobre a restauração do concelho de Palmela, o sr. Manuel Joaquim de Carvalho, vereador da camara municipal de Setubal.

Ao sr. Ramos da Costa foram fornecidos todos os elementos indispensaveis para, naquela camara, advogar as aspirações dos palmelenses.

UM NOVO ORIGINAL

"OS SEDUTORES"

DE VASCO DE MENDONÇA ALVES

Comedia dramatica de costumes do coração e dos sentidos pelo autor de "A Conspiradora", representada em S. Carlos pela companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro

O novo original de Vasco de Mendonça Alves merece todas as atenções da critica e tem de ser visto do alto. Uma peça de teatro, que é, depois do jornalismo, a mais complexa das literaturas pelo somatorio de exigencias do meio, que passa de cifra todos os anos, enquanto para a peosia e para a novela aumenta a liberdade, sem demarcação de horizontes; uma peça de teatro tem de ser vista com grande tolerancia. Ela nunca deve ser apreciada em relação a certa finalidade e ambiente que cada um exige pelo seu estado de alma, pela sua educação e até pelos seus caprichos; ela tem de ser analizada pelo objectivo moral ou apenas picturial, em referencia á Vida, que animou as mãos delicadas do criador, e pelo resultado obtido. Este espirito de tolerancia tem andado arredio da nossa critica teatral. Em regra vai-se ao teatro para ver o que a peça tem de fraco ou de errado para depois zurzir impiedosamente o autor, neste ar de superioridade que cada um de nós traz consigo, numa falsa modestia que não deixa de apavorar os sinceros, e é a negação da virtude dentro da Critica. E apenas com o intuito de pôr o leitor a par da impressão, soma de todas as impressões, por nós colhidas na contemplação da obra teatral, vivendo já na interpretação dos comediantes, escrevemos este artigo. Não deixará de ser uma critica; em boa verdade nós preferimos que seja apenas uma opinião.

* * *

Vasco de Mendonça pretendeu pôr em equação apenas conflitos da existencia—e até dos mais banais e pobres—, e foi apanhar para o fio da sua comedia-drama os costumes que os homens trazem no coração e nos sentidos para fazer e realizar Amor. O objectivo do autor sobrio de «Os filhos» deve ter sido apenas cinematografar, por processos em tudo opostos ao do cinema, um quadro da existencia de um doente da alma, sedutor que foi na sua mocidade, castigando-o pela fatalidade de um amor a que sua filha se entregou, vencida por outro sedutor de profissão. E' mentira: a peça não visa moral nenhuma, como já vi escrito. Se a tivesse visado, o autor, a sua peça não resistia a dois argumentos de critica. A obra é apenas um quadro, tão doloroso e humano quanto o sr. Vasco de Mendonça Alves conseguiu, e não enfileira nos trabalhos da moral que pretendem endireitar o mundo. Os sedutores saem da peça perdoados pelo publico; um deles até nobilitado, á sua maneira. Ora os sedutores não se castigam por este processo. Posta esta restrição necessaria á peça para podermos prosseguir na sua analise, vejamos rapido—como convêm—o entrecho que serviu á apresentação.

* * *

Conta-se assim: um homem, cabeça já branca, algumas desilusões, e ainda o busto direito e severo—tara e alma despegada da virtude cristã—tem da sua mocidade de sedutor uma filha, Madalena, a menina dos seus olhos, cuja mãe, morta já, passou no torvelinho da existencia daquele homem, como uma aventura, de que se esquece. Ele, de facto, abandonou-a. Um seu amigo, Paulo, um seu intimo, intimo da sua devassidão libertina, aliás vestida de aprumo, e que está para casar com certa menina, Angela, filha da familia escrava do amor que principia timidamente e é o mais arrojado, apaixona-se por Madalena. Apaixona-se e toma-a para si. Paulo, porem, declara á filha do seu amigo, já vencida amante, que não pode casar com ela. Com a outra, sim, é que ele tem de casar. Questões de familia, palavra dada, a vida... E' com a outra que ele iriá ao matrimonio. Madalena chora, grita, desfaz-se em emoções e, finalmente, conta, agora uma palavra, depois uma lagrima reveladora, toda a historia ao seu pobre pai, ao velho sedutor castigado. Finalmente o drama passa para comedia; Angela anuncia ao segundo sedutor, a Paulo, que o desobriga da palavra dada, e que case ele com quem melhor lhe pareça. Paulo volta aos braços de Madalena, e o matrimonio realizar-se-há. Eis a peça. Nos quatro actos, sem outro objectivo que não seja castigar os nossos nervos e cansar-nos pela emoção dramatica, o que tudo é uma expressão de arte que a escultura se serve muitas vezes, Vasco de Mendonça Alves logrou o seu proposito. Dentro da restrição que já fizemos á obra de teatro representada em S. Carlos, toda a ficção passou com um extranho e impressionante vigor dramatico. O autor não queria outra cousa. A sua peça está, pois, bastante certa.

* * *

Nós, que traçamos estas impressões, prefeririamos que o talento, a mocidade, a alma que tanto se adivinha nesta vigorosa peça de teatro da vida, tivessem realizado uma obra—de beleza. Os *Sedutores* apresentam, como o autor os adivinhou, o coração e os sentidos de dois homens que amaram, e que não nos dão na sua experiencia, na sua confusão, no seu castigo, na sua dôr, na sua saudade, nenhuma scentelha de beleza nova. Senhores! Ama-se já de uma outra maneira muito diversa e muito mais linda! O amor de Madalena, que se suspeita adoravel figura feminina, é nesta peça uma realização toda burguesa, procurando o casamento como solução, e vencendo, pelo calculo das compensações morais, a eflo-ração belissima, formosissima dos instintos. Com que grandeza nos aparece agora aquela mulher do Bataille, menina familia, que ama, que se deu, que se queimou, e não sabe que existe a sagrada banalidade do sacramento, sêlo respeitavel na vida rial, mas que os instintos côr de rosa, maquetisados pela volupia das primeiras alvoradas, não conseguem tatear, sequer! O teatro não será a Vida—é certo. Mas tem de ser moldado á imagem e semelhança da Vida, para ser perfeito, como os homens em relação a Deus. Vasco de Mendonça Alves, cujo arrojado poder de concepção fez uma obra de teatro digna do apreço e da comovida admiração de todos nós, e na qual a declamação forçada, a emanação tragica dos conflitos abre o seu gesto como nas peças de capa e espada, desandou muito nesta peça—algumas vezes—tenho de o dizer—a formosura da lingua, e extinguiu os efeitos mais seguros da sua dramatização em repetições prolixas, chegando até a cortar as scenas de beleza que por vezes se enunciavam, para voltar de preferencia ás sombrias declamações daquelas almas, nas quais anda a noite do seu proposto castigo, do seu egoismo, ou da sua paixão, mas sem o luar de uma verosimilhança, que os que são e sabem ser homens distinguem, e trazem perpetuamente nas palpebras, mesmo quando cerradas. Mas quem sabe se o autor, a quem nós prestamos a nossa rendida homenagem, quiz rialmente que assim fosse, para que nos sedutores, chantecleres das almas, toda a beleza esteja sempre arredia, ainda que para isso seja mister negar a vida, como ela é, e como ela pode continuar a ser?

* * *

A interpretação... O professor Antonio Pinheiro classificou está peça de peça de exame.

Dificilima, plena de dificuldades que resultam do proposito do autor de amachucar constantemente o espectador pela emoção, «Os Sedutores» seria de facto um trabalho para levar á gloria um comediante, filho do genio, ou para o estatelar, do vôo altivo de aguia ao plano rasteiro onde andam os sapos, se não existisse a prudencia sabedora e experimentada do Mestre de scena. O equilibrio, tão raro, e que se nota nesta interpretação, do actor em relação a si proprio e não ao conjunto, deve ser obra de Antonio Pinheiro.

Estamos na frente do esforço mais belo e mais digno de respeito que um nucleo de artistas portugueses tem levado a cabo nos ultimos anos do teatro português. Tomamos mesmo a liberdade de chamar a atenção do Comissario do governo, ilustre e sabedor, conscientissimo e honesto homem de teatro, que é o sr. Santos Tavare, e do não menos ilustre director geral de Belas Artes, o poeta Augusto Gil, um e outro nossos queridos amigos, para a interpretação, para a realização scenica da obra tipo de Vasco de Mendonça Alves. Não nos movem amizade ou dedicação cegas; não nos anima desejos exagerados de encomio. O trabalho dos actores tem de ser visto em relação á obra; o esforço do comediante só pode ser considerado em referencia á força dinamica da comedia. Muitos dirão que o grupo de artistas de S. Carlos fracassou por vezes; nós diremos que alguns artistas desse grupo atingiram o maximo que para os seus recuros e para os seus anos de scena seria possivel conceber, e que, de onde a onde, sem terem caido nunca, se firmaram como os Mestres não lograriam fazê-lo.

Sejamos nós justos! A plateia, neste verão pesado em que dois terços dos frequentadores de teatro estão fora, pode não compreender aquele formoso esforço. Temos de o compreender nós, e até de o agradecer. Não fazia sentido que estivessemos todos os dias a exigir arte, Arte com um A maiusculo, e que peranie uma tentativa gloriosa dessa Arte nos quedassemos como ante a interpretação dos «compères» das revistas do ano. Se as exigencias dramaticas da peça, e a sua contextura, aqui e ali parecem comprometer os comediantes, pondo-os diante uns dos outros em posições forçadas onde toda a beleza se preverte, nós hemos a obrigação de distinguir até onde foi, por seu proprio sentir, a emoção do interprete, e o que ele arrancou da obra forte e aspera do autor para converter em graças, em rosas, em pão do nosso espirito. E foi muito, e foi quasi sempre.

* * *

Não temos a mesma impressão que transmitiram os nossos distintissimos colegas que escreveram já sobre a interpretação. Vamos pôr a nossa, tal qual a tiramos da terceira noite de «Os Sedutores». Em primeiro lugar: Robles Monteiro. E' a personagem dominante de toda a representação, e é nela a figura que mais se equilibra, apesar do seu papel ser de uma complexidade extranha, violenta, patologica, em periodos seguidos de alucinação, passando do verosimil ao irreal da ternura equilibrada ao desespero, em transes pateticos, que chegam até, no traçado original, ao destrambelho. Ali está o comediante, o actor, o artista. Aquele papel não é dos que se representam com um cigarro entre os dedos, e se estudam ao mesmo tempo que se decoram. Há no primeiro acto e no terceiro pormenorizações dignas de Mestres, uma vida fisionomica toda arrancada ao estudo, e ás vezes participando do poder emotivo, que substitue com vantagem as palavras. Venceu Robles Monteiro? Eu sei lá! O que é que os srs. chamam vencer um actor num papel? Fazer o que o criador pensou e desenhou? Isso então é com Vasco de Mendonça Alves. Comnosco é apenas a indagação se o esforço interpretativo e o bloco de beleza espiritual da forma correspondem ao desenho que o autor vem deixando ficar dos caracteres e das tragedias intimas do drama. Robles Monteiro, ontem até prejudicado com a tosse, aproximou-se do maximo. Em adivinhações do que seria naquilo um Zaconi ou um João Rosa, nós vimos o estudioso artista no seu lugar, ainda que na distancia que a simples pronunciação dos nomes aconselha.

D. Amelia Rey Colaço é a peregrina intuição que permite tudo, tolera todos os vaticinios, inspira todas as profecias. «Cette fille de l'ombre avait de la race.» escrevia Hugo a respeito de Eponina uma coleante onde os olhos dos inspirados podiam adivinhar sempre todas as rainhas, e todas as deusas, e todas as fadas, e todos os mitos dos homens e das fabulas, sem se enganarem nunca. A actriz interpretou a Magdalena com todas as exigencias que o autor podia ter concebido. Há uma scena no terceiro acto em que ela, de cabeça entre as mãos e os cotovelos apoiados sobre os joelhos, revolve a sua tragedia, na confissão, lagrima a lagrima, a seu pai, medindo a sua dôr, sem resignação nem confôrto, de alto a baixo, como de um Capitolio de duvidas, que só por si elevaria uma plateia á apoteose das glorificações instantaneas, se houvesse plateia entre nós. A emoção do silencio, de que a actriz nos falava há tempo não a logrou, D. Amelia Rey Colaço, porque essa emoção só se produz nos ambientes tranquilos e fechados onde os espiritos e as vontades á sôlta fazem um bloco misterioso, e isso não é possivel na vastidão e na frieza da sala de ópera de S. Carlos. Mas, se não venceu, só pela circunstancia de não ter sido materialmente possivel, convenceu pela modalidade da sua arte, da sua ficção, da sua gentilissima graça toda intuitiva, pelo rigor da sua fala em frente da sua alma, pela quantidade de harmonia que põe no seu sentimento. Nesta comediante, que atinge neste papel um novo plano de grande actriz, até os desfalecimentos, como os olhos verdes em certas mulheres, têm uma beleza que noutras seria senão.

O actor Henrique de Albuquerque, tenho-o escrito sempre, sem estudar, sem decorar, prendendo-se constantemente, e assim mesmo um actor de primeira plana. Pode ser que a Arte para êste homem de teatro tenha limites; o certo é que a interpretação dos seus papeis recebe dêle, por educação artistica ou por instinto, um carinho e uma justeza tal, que nos dão a impressão de que ninguem os poderia fazer melhor, na correcção das atitudes, na linha direita e imperturbavel, até em certa frieza dosada que contrasta singularmente com o arrebatamento inutil de alguns distintissimos artistas da sua classe.

D. Maria Judice da Costa, num papel mais secundário, marcou definitivamente um lugar na declamação, sendo possivel que não fique apenas naquilo que em teatro se chama uma esplendida utilidade. No primeiro acto, é muito rica de equilibrio, e até com baixos relevos de sentimento puro, a sua interpretação. E toda a peça é por esta gentilissima senhora atravessada com tanta correcção, quanto espiritualizada compreensão do papel. Muito acertada, na sua posição de ingenua, a sr.ª D. Constança Navarro, que realiza delicadissimamente o tipo desenhado pelo autor.

A restante interpretação, senão brilhante, pelo menos honesta, pois toda a peça vive das três figuras que marcamos em primeiro lugar.

* * *

E aí ficam as nossas impressões. Desejamos dizer, para finalizar, e adivinhando a suposição tão natural quanto humana, do autor, que a tolerancia de que falamos no começo não significa uma afronta ao que pode ser o legitimo orgulho do ilustre autor. Não é mesmo uma tolerancia para a sua obra nem para o seu nome. E' um principio de respeito pelo esfôrço de cada um a que nos desejamos subordinar sempre e que não tem nada, nem quere ter, com o elogio mutuo, que é uma prática obscena, negação de amisade leal, uma especie de ranchinho literario dos efebos impotentes da forma e da idéa. Com aquela tolerancia temos apenas o proposito de ser justos e de encorajar com essa justiça quem escreve com a sinceridade e as formosas qualidades de espirito do sr. Vasco de Mendonça Alves.

Norberto de Araujo

UMA CARTA ABERTA SOBRE COISAS DE ARTE

AO MINISTRO DA INSTRUÇÃO

NO TERREIRO DO PAÇO-LISBOA

Uma visita ministerial á Escola de Belas Ates—A criação de uma escola de aguarela—A nomeação do sr. Vergilio Correia para lente de Historia de Arte de Coimbra—Um sonho fantastico de 30.000 contos

Excelentissimo senhor.

Inesperadamente — creia V. Ex.ª que o mais inesperadamente possivel—os jornaes de sexta-feira anunciaram que o ministro da Instrução visitara, cheio de boas intenções e grandes esperanças num empréstimo, a Escola de Belas Artes. E digo, senhor ministro, *imprevistamente*, porque os artistas portuguezes já pouco esperam da mentalidade artistica dos ministros da Republica. Foi, pois, com alvoroço que eu li, que o actual titular da pasta da Instrução Publica se propunha dedicar um pouco da sua atenção ás questões de fomento artistico — questões que não raramente são consideradas pelos enciclopédicos ignorantes da alta politica, como assuntos de interesse infinitamente secundário e meramente especulativo. Eu sou, senhor ministro, um artista português, que, talvez pelo facto de ser simultaneamente seu colega no professorado sencundário, não abdico do direito de encarar entre nós o problema da preparação técnica e profissional dos artistas plásticos.

Parece que V. Ex.ª, homem de inteligencia e de cultura, segundo afirmam até os seus irredutiveis adversários politicos, é mais de realizações práticas que de exhibicionismos estéreis.

Antes de V. Ex.ª, dois homens inteligentes e dois artistas cultos se instalaram nesse seu gabinete vermelho da Arcada, onde a mancha sépia das taboas de Nuno Gonçalves parece sorrir, numa ironia de pintura primitiva, aos «fracks» balôfos de todo e qualquer bacharel que o acaso duma aventura politica levou á sua «secretária-ministre» «Renascença».

Esses homens foram Julio Dantas e João de Deus Ramos. Ambos eles tinham e têm um programa de acção, consciente, moderno, perfeitamente ao dia das necessidades nacionaes. Pois nenhum desses homens fez nada. Burocracia, empates, uma casca de laranja, e... «tout passe».

Admitamos que V. Ex.ª, senhor ministro, consegue estar á testa dos negócios da Instrução algumas semanas mais que a maioria dos seus colegas, e acalenta o sonho ingénuo e grandioso de reformar os homens e as coisas,—estes homens e estas coisas que V. Ex.ª vagamente analiza agora atravez a «brise-brise» da sua janela de gabinete, admiravelmente aberta a este claro e brilhante sol do Tejo...

Mas, não, senhor ministro!

Infelizmente, reformar a Escola de Belas Artes, creia V. Ex.ª que não é de fórma alguma, arranjar-lhe uma nova e soalheira habitação, mediante o seu fabuloso empréstimo, o que, para V. Ex.ª, seria uma glória fácil, realizada ahi depois de um jantar bem disposto na «Garrett», com duas penadas rápidas num diploma, «tout à fait cabotin» e armanie a uma popularidade que V. Ex.ª não mereceria, como honesto e sensato pedagogo.

Não, senhor ministro. Reformar a Escola de Belas Artes, seria (e acredite-me V. Ex.ª que lhe falo sem outro entusiasmo que não seja este sereno entusiasmo, muito humanamente consciente, de lhe dizer o que penso) refundir, em novos processos a preparação intelectual e técnica dos alunos que a frequentam.

V. Ex.ª, em sua razão, e aqui muito para nós, está convencido de que a Escola de Belas Artes, tal como está intimamente constituida, merece do Estado o dispendio duma monumental construção, com o a que V. Ex.ª, bem disposto e perfeitamente a sério lhe ofereceu no seu ultimo «raid» ás galerias frescas do Convento de S. Francisco?

Quer V. Ex.ª ouvir, o que eu próprio já ouvi, nesse seu gabinete vermelho da Arcada, onde as táboas de Nuno Gonçalves, na sepia da sua reprodução, parecem sorrir na mais fina ironia de pintura primitiva?

Olhe, sr. ministro: Ao pass que todo o mundo se revoluciona na creação duma arte que acompanha maravilhosamente a expressão dinamica do tempo e vibra, sugestiva e forte, desde as grandes massas decorativas da paisagem, da fisionomia arquitectonica, da cidade e da rua, até ás interpretações modernas do retrato, na «recherche» sempre cada vez mais ansiosa dos «conceitos originais» — os nossos alunos de Belas Artes, na mais pueril ingenuidade — internados do convento de S. Francisco — continuam imperturbaveis os seus trabalhos «a esfuminho», que já no tempo em que Carlos Reis foi para Paris, causaram aos estudantes franceses, nos «ateliers» daquela cidade, quando os pensionistas portugueses os executaram, o espanto e a curiosidade das reliquias historicas...

Não, sr. ministro. Uma escola onde um bom geometra ensina composição arquitectonica e um artista ensina geometria, onde a plastica da figura aparece através o «esfuminho», onde a história de arte, aliás ensinada por pessoas de categoria, se resume pela insuficiente preparação intelectual dos alunos a uma simples e completamente inutil enumeração de nomes e de numeros, onde os proprios professores se vêem muitas vezes obrigados a dizer: «Se nós tivessemos uma cadeira de filosofia de arte, eu faria..., eu diria..., eu explicaria...»; uma escola onde emfim se fazem artistas «com instrução primaria e francês», artistas de papel selado, sem cultura geral e com dificiente cultura tecnica, onde os melhores alunos são aqueles que estudam «por si», que têm «por si» exigencias intelectuais e cá fora se educam, não pode merecer, sr. ministro, essa protecção, aliás tão bem intencionada.

Dir-me-há V. Ex.ª que a Escola tem autonomia tecnica e pedagogica e que a interferencia do ministro é nula. Não é inteiramente assim. Se V. Ex.ª está convencido do papel que á Arte cumpre executar, terá que, de acôrdo com o director das Belas Artes, procurar elevar os poucos esteios que entre nós tem a Arte Nacional.

São êles a Sociedade de Belas Artes e as escolas oficiais de Lisboa e Porto. E' por aí que logicamente se deve começar. Como? Insuflando um «virus» novo nesses organismos estagnarios. Estas coisas vão aos saltos. Com o Gremio Artistico a Arte Nacional progrediu mais do que com 500 diplomas oficiais, creando monumentos nacionais e comissões estéticas.

Quere um exemplo?

Há uns meses, varios jornalistas, entre êles João Ameal, no «Primeiro de Janeiro», defenderam com entusiasmo a idéa da creação duma cadeira de aguarela na Escola de Belas Artes, ou substituindo a actual e inutil cadeira de gravura, ou até, possivelmente, transformando mais tarde uma das cadeiras de pintura de oleo. Citaram-se opiniões estrangeiras e nacionais. Julio Dantas disse ao signatario desta carta que aprovava em absoluto essa idéa, Alberto Sousa, o conhecido aguarelista, tambem a aplaudiu. Em conversa, D. José Francés, o eminente critico espanhol, achou-a uma «inteligentissima orientação de arte». Mas foi tudo letra morta, apesar de toda a gente concordar. Parece, á primeira vista, que quem escreve estas linhas, por ser pintor e fazer aguarelas, é suspeito.

Parece-me inutil acentuar que jámais admitiria uma nomeação para um cargo de confiança tecnica sem concurso de provas publicas e abertas a todos os que se supozessem com habilitação para êle. Eu sei, e V. Ex.ª melhor do que eu, que o regime das nomeações de favôr ainda não cessou na Secretaria da Instrução e que muitas vezes, embora recaia sobre individuos competentes, tem sempre o cunho antipatico das excepções. E já que veiu a talhe de foice e que de coisas de arte falamos, recorde V. Ex.ª a nomeação do sr. dr. Virgilio Correia para lente de História de arte de Coimbra, o qual, sendo, como é, competentissimo, e por isso mesmo, deveria fazer um concurso. Eu proprio concorreria com êle, admitindo perfeitamente a hipotese de ser honrosamente vencido. Mas, como no caso identico da nomeação do sr. dr. João Barreira, o concurso não se fará, e quem não conhecer a capacidade dos dois ilustres criticos, poderá julgar que foram nomeados por serem... «bons republicanos e excelentes pessoas».

No entanto, V. Ex.ª, considerado professor e pedagogo em evidencia, agita a «panache» dos seus 30.000 contos por diante dos olhos ávidos da Escola de Belas Artes e supõe prestar ao país um grande serviço, com o seu grande emprestimo.

V. Ex.ª concordará que, se a missão do ministro de Belas Artes fosse essa, ela seria facil.

Se V. Ex.ª quere deixar de si alguma coisa de util, abandone êsse sonho fantastico dos 30.000 contos e disponha-se, apenas e modestamente, a pôr a casa em ordem. Arrume o que está desarrumado, terá feito muito — terá sido mesmo o maior ministro da Instrução. Quere desenvolver as Belas Artes, dar animo e fôrça ao fomento artistico, elevar o nivel da produção artistica nacional? Então, sr. ministro, volte-se para a gente nova. Deixe em paz a Escola de Belas Artes com as suas teias de aranha, o seu porteiro monumental, os seus corredores frescos e abobadados e as suas alunas del'ciosamente ingenuas. A Escola de Belas Artes, cuja temperatura tanto encantou agora o sr. ministro, nestes dias de calor, tem, ali no casarão de S. Francisco, uma insubstituivel frescura. Tirá-la dali era matá-la. Deixe-a lá estar no sossêgo das suas cadeiras fradescas, das suas gravuras, dos seus pátios silenciosos. Ela é tão simpatica assim! O seu projecto é, alêm de grandioso e ingenuo, cruel. O sr. ministro vai prometer-nos a nós, a todos nós, que não mexerá naquilo, que vai gastar o dinheiro, êsse dinheiro fabuloso que lhe sobeja para Belas Artes, noutro sitio. Olhe, aí tem a Sociedade de Belas Artes. Está em meio. Por emquanto, é apenas uma grande garage, enorme, nua, desconfortavel. Aí tem uma idéa interessante. Conclua o Estado o resto e alugue-o depois á propria Sociedade, ou caucione um emprestimo para a direcção acabar as obras do edificio. Aí está qualquer coisa de rápido, de positivo, de util e até de barato. Na Escola de Belas Artes o melhor é não mexer.

Bem se vê que o sr. ministro não conhece aquilo. Desde os continuos — velhos saxofones reformados do exército — até á parreirinha do jardim do fiel, tudo aquilo é adoravelmente pacato, deliciosamente pacifico, insofismavelmente «reformado». Ora como quere V. Ex.ª reformar uma escola «reformada»?

* * *

No seu gabinete vermelho da Arcada, onde as taboas de Nuno Gonçalves sorriem na sua mancha sépia, V. Ex.ª, ao ler êste artigo, sorri tambem...

Sorri, sorri e fica silencioso...

Tem sido essa a atitude [illegible] os «pachecos» da Republica [illegible] superior. Pois, V. Ex.ª [illegible] estranho de Ginestal e [illegible] rir, mas faz mal se fica [illegible]

Abra de par em par [illegible] «brises-bises», afaste [illegible] melhos e encare, sr. [illegible] a mancha sépia da [illegible] Gonçalves, que parecerá [illegible] riso de pintura pri[illegible]

Lisboa, Agosto de [illegible]

José LEITÃO DE BARROS.

ALVARO CAMPOS, LIMITADA

FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES

Instrumentos cirurgicos. Aparelhos de medicina. Mobiliario cirurgico. Electricidade medica. Instrumentos para consultorios de dentistas. Instalações completas de salas de operações, dispensarios, postos de socorros, etc.

ANALISES

PROF. E. FRANCO da Faculdade de Medicina—FROF. CH. LEPIERRE do Instituto Superior Tecnico

Microscopios e microtomos Koristka. Productos quimicos. Vacinas e sóros Mulford. Produtos opoterapicos do prof. Pittaluga. Produtos farmaceuticos «Meurice»

LISBOA — 103, Largo das Duas Igrejas — TEL. C. 1017

PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira — TEL. 1775

DAMIÃO & C.TA *57, Rua Garrett, 59*

E' quem melhor veste as crianças

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

A mumia

... chegou a Londres a mumia duma rapariga de 19 anos. O corpo envolto em tunica riquissima de linho amarelado, bordada a oiro e pedras preciosas...

... morreu 6:00 anos antes da era de Cristo...

Do *Diario de Lisboa*

O corpo envolto em tunica amarela
De linho e oiro e pedras preciosas
Dizem que tinha a côr das brancas rosas
Cabelos negros, e era pura e bela...

E dez e nove anos tinha ela,
De fórmas juvenis, harmoniosas
E eram esguias suas mãos airosas
Como as flôres do lotus, flôr singela

Depois oito mil anos ao de leve
Por sobre a sua fronte côr de neve
Foram voando cheios de saudade.

... E era tão lindo aquele corpo amado,
Que o Tempo destruidor, enamorado,
Sentiu que pertencia á eternidade.

Lenços brancos

Adeus — *separação que em nós persiste*
Por um momento ou pela vida inteira
Falada, escrita, de qualquer maneira,
Adeus *é sempre uma palavra triste...*

E' uma despedida verdadeira
A nossa vida, a tudo quanto existe..
A propria morte num adeus consiste
Da derradeira Vez á Vez primeira!

Adeus, *palavra triste... e é no entanto,*
Um lenço branco de cambraia ou linho
De todas a mais triste despedida,

Nunca fala nem chora, mas diz tanto
No azul, ao longe, á beira do caminho,
Que nos fica no olhar por toda a vida!...

(Do livro «Horas»)

Caetano Campo

Além-mar

A extinção de varios comandos militares na provincia de Moçambique

Segundo comunicação do alto comissario em Moçambique, recebida no ministerio das colonias. devido á extinção de varios comandos militares, que, como se sabe, foram substituidos por circunscrições civis, encontram-se ali muitos oficiais e sargentos sem comissão. Pede por esse facto que seja sustada a ida de oficiais para Moçambique,

O sr. Brito Camacho reclama que lhe sejam enviados valores selados

O alto comissario em Moçambique pediu que urgentemente lhe sejam enviados valores selados, dizendo que, para poder satisfazer as necessidades dos tribunais e outros serviços, se viu forçado a mandar selar na Imprensa Nacional da provincia 50 mil folhas de papel.

Parte do credito de 600 contos já foi para Cabo Verde

Por intermedio do Banco Nacional Ultramarino, o ministerio das colonias enviou já para Cabo Verde, parte do credito de 600 contos, aberto a favor daquele arquipelago para urgentemente acudir aos famintos.

O cruzador "Republica" entrou na doca de Ponta Delgada

Entrou na doca de Ponta Delgada para sofrer beneficiações, o cruzador «Republica», que em seguida regressará ao Tejo. O ministerio da guerra pediu que a oficialidade do segundo batalhão de artilharia de costa possa ficar a bordo, porem, do navio.

Conselho de Arqueologia

Exoneração do sr. dr. Virgilio Correia e nomeação do sr. Cristiano Tavares

O sr. dr. Virgilio Pinto da Fonseca foi exonerado, a seu pedido, de encarregado da leitura nocturna na biblioteca do Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª circunscrição, devendo ser substituido pelo bibliotecario sr. Cristiano Romão Tavares.

AFIRMAÇÕES CLARAS

As eleições, a dissolução, o governo, o parlamento, a revolução

"A atitude dos republicanos perante o actual governo deve ser de paz armada"

O sr. Cunha Leal afirma ao "Diario de Lisboa" que na ocasião em que o sr. Barros Queiroz tomava posse da pasta das finanças, o chefe do Estado declararava a duas individualidades politicas que não lhe daria a dissolução sem primeiro haver entre o governo e o Parlamento um conflito que a justificasse

O sr. Cunha Leal é um conhecimento de quatro entrevistas, todas elas publicadas no «Diario de Lisboa». A sua atitude, as suas opiniões, nos momentos complicados da politica, constituem sempre assunto para um jornalista. Agora, que Cunha Leal acaba de perder a sua eleição de deputado pelo Porto e que, á bôca cheia, á bôca calada, á bôca pequena, se fala em revolução, era preciso ouvi-lo. Fomos a sua casa. E' na rua Miguel Bombarda, costas com costas com a do sr. dr. Antonio Granjo. Por aquelas imediações habitam alguns «imponderaveis» da politica liberal. E porque não havemos nós de visionar conferencias, entrevistas, simples dialogos, de noite, entre todos êles? Por aquelas avenidas calmas, quantas afirmações e quantos planos politicos não se terão feito?

E, como o sr. Cunha Leal nos dissesse em sua casa: «eu ia sair», nós acompanhámo-lo. A mesma linha de parlamentar, sem ser a férias, a mesma voz calma rajada de energia, o mesmo olhar que se fixa, que se prende, que quere dominar.

A rua, batida de sol, oftalmizava a vista, desdobrava-se cheia de poeira, montuosa de obras camararias, eternas obras de Santa Engracia. O sr. Cunha Leal pela direita, nós pela esquerda. Conversámos:

— Procurámo-lo ontem no Martinho. Não estava. Alguem o vislumbrou Avenida acima com um grupo de oficiais.

— V. pretende chegar...

— A' paragem do electrico.

— Não, não é isso o que pensa. Ontem não estive em Lisboa; fui para Carcavelos. Eu sei que um jornal da manhã me apontou outro dia como comprometido numa revolução. E' falso!

Cunha Leal parou. Olhámo-lo bem com um sorriso ironico, penetrante, um sorriso de quem tudo sabe.

— E' falso! — repetiu muito firme, muito sincero, o nosso entrevistado.

Acreditámos nas suas palavras. No decorrer da entrevista, o assunto — como os leitores vão ver — volta a projectar-se e Cunha Leal, com a mesma sinceridade, faz sempre a mesma afirmativa.

— A sua eleição?

— Perdi-a no Porto.

— Porque se propôz por lá?

— Eu não queria propor-me por parte alguma. Mas um amigo portuense tanto me pediu e eu vi tanta má vontade por parte de alguns republicanos, que, por uma questão de orgulho, resolvi apresentar a minha candidatura a deputado...

— A deputado independente, não?

— Sim, como deputado independente.

— Porque abandonou o partido popular?

— Não digo por emquanto os motivos. Se me atacarem...

— Mantem relações com o dr. Julio Martins?

— Mantenho.

O sr. Cunha Leal seguia pela borda do passeio, mãos nos bolsos, andar compassado. Por vezes, sem o fixarmos, sentiamos o seu olhar querendo investigar o nosso. Numa sombra mais propicia, dissemos:

— E como vai a sua candidatura por Angola?

— Pelos telegramas que recebi e por aqueles que enviou o sr. Norton de Matos ao governo, a minha eleição está completamente assegurada. Falta agora a confirmação. No entanto, pretendem já fuzilá-la. Tenho uma esperança: é que em Angola não se conhecem ainda os processos eleitorais que se empregaram agora em todo o país.

Este assunto, apesar de velho, tratado pelo sr. Cunha Leal, teve interêsse. Para aqui destacamos algumas das suas frases. Podemos começar por estas:

— O sr. Granjo herdou o espirito de Teixeira de Sousa, afirmei-o uma vez. Porém, agora estou convencido que lhe é superior. Andou pelo norte a caçar votos ao eleitorado e a roubá-los ao Julio Martins, o seu amigo de infancia.

Outras frases que merecem *panneaux*:

— Tudo quanto êste governo fez em matéria eleitoral é pior que todos os Perais e Azambujas somados. A eleição por Lisboa foi uma roubalheira. Não foram espertos. Se queriam alijar os monarquicos e pôr lá o Inocencio Camacho, podiam alegar que o Ruy Ulrich pertencia, por exemplo, a uma companhia. O que dizem agora os realistas? Que os não deixam ir ás Camaras, impedindo assim que êles fiscalizem as contas da Republica...

— Qual vai ser a sua atitude na Camara?

Tinhamos chegado á paragem do electrico. Olhavam-nos com curiosidade. Dois homens, não sabemos se algum dêles da P. S. do E., ouviam as afirmações do sr. Cunha Leal com toda a atenção. Este, muito direito, muito firme, mãos ainda nos bolsos, e elevando um pouco a voz, para sublinhar, respondeu:

— Não sei. A minha opinião é que se deve deixar estar êste governo. Ele há de cair estrondosamente, estrangulado pelos conservadores. E' curioso!

— Muito curioso!

— Este governo subiu ao poder levado pela opinião conservadora, mas será ela que o derrubará, acredite.

— Como? Como? Necessitamos de uma explicação.

— O sr. Barros Queiroz tem umas propostas de finanças que devem ser más, mas, mesmo que fossem razoaveis, não seriam votadas. Ninguem as aceita; os conservadores far-lhe-hão uma guerra cerrada.

E depois:

— E' provavel que êste ministerio, com a voracidade do poder que o caracteriza, se entregue em mãos menos republicanas. Precisamos estar vigilantes. Paz armada é a expressão...

— E a revolução — acrescentámos.

— Olhe: eu estou convencido que cada republicano traz na algibeira do colete um «comité» revolucionario. Isto só demonstra o desagrado em que caiu o ministerio do sr. Barros Queiroz. — E outra vez, agora á laia de parentesis: — Eu estou afastado de qualquer movimento, ouviu?

— Ouvimos e acreditamos sinceramente.

— O sr. Barros Queiroz tem que aguentar o calvario que fabricou: o Parlamento. Deitá-lo abaixo agora seria uma tremenda asneira, porque as suas propostas de finanças ficariam para a posteridade como uma lenda fabulosa de maravilha. E' preciso vê-las. E até lá, republicanos: paz armada! paz armada!

— O sr. Cunha Leal manifesta-se contra as propostas?

(*Ver a continuação na 8.ª página*)

NA PARCERIA DOS VAPORES

O tenente sr. Viegas Lata, administrador do concelho do Seixal, alveja com dois tiros o sr. Fernando de Sousa, presidente da camara daquela vila

Uma questão que já podia estar solucionada e da qual parece resultar a morte de um homem

Depois das 12 horas de hoje deu-se, no Cáis do Sodré, perto da ponte da Parceria dos Vapores, uma scena de tiros entre quatro individuos, um dos quais caiu ferido, sendo conduzido ao hospital de S. José, e foram presos os restantes antagonistas.

O nosso «reporter» conseguiu apurar o que abaixo relatamos:

A população do Seixal incompatibilizou-se com o seu administrador de concelho, o tenente sr. Viegas Lata, tendo há pouco vindo a Lisboa uma comissão de habitantes daquela vila protestar contra determinadas irregularidades que êle ali cometeu e pedir a intervenção do governador civil.

O chefe do distrito, porêm, ouvidas as declarações dos comissionados, respondeu-lhes que era necessario que êles fizessem uma declaração por escrito. Parece, porêm, que essa declaração tem tido alguma demora, encontrando-se ainda no seu lugar o tenente Viegas Lata.

Hoje, quando êste senhor acabava de desembarcar na ponte da Parceria e se dirigia ao governo civil, sobraçando um processo, acompanhado de um oficial de diligencias, encontrou-se casualmente com os srs. Fernando de Sousa, presidente da camara do Seixal, e com o ajudante do registo civil, sr. José Xavier dos Santos, que não resistiram em dirigir-lhe algumas palavras de provocação.

Houve troca de injurias e a discussão provocou uma scena violenta de pugilato. Foi neste momento que o tenente Lata, que era defendido pelo oficial de diligencias, puxou de uma pistola e alveiou o sr. Fernando de Sousa com dois tiros, um dos quais o feriu.

O presidente da camara municipal do Seixal recolheu ao hospital de S. José em estado melindroso, pois a bala, atingindo-o numa perna, provocou-lhe a rotura de uma artéria.

O tenente Lata foi entregue á policia judiciaria para ser levado aos tribunais militares.

A reunião viticola de Torres Vedras

A direcção da Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro de Portugal conferenciou com o sr. ministro da agricultura

A direcção da Federação dos Sindicatos Agricolas do Centro de Portugal trocou hoje impressões com o sr. ministro da agricultura, ácerca dos assuntos discutidos na reunião magna ultimamente realizada em Torres Vedras.

D. Maria Etelvina Lobo dos Santos e Silva Pacheco

O nosso querido amigo e talentoso arquitecto sr. José Pacheco acaba de perder sua esposa a sr.ª D. Maria Etelvina Lobo dos Santos e Silva Pacheco, arrebatada pela morte aos seus carinhos em plena juventude.

O *Diario de Lisboa* abraça comovidamente José Pacheco, manifestando n'esse abraço a parte sincerissima que toma na sua dôr.

A CIDADE

O DESASTRE DE MARROCOS

Os espanhois, como "The Times" afirma, não poderiam ter tido 20 mil baixas porque em toda a região ocupada só possuiam 10 mil soldados

O sr. Antonio Gimenez, recentemente chegado de Espanha, escreve ao "Diario de Lisboa"

Do subdito espanhol Antonio Gimenez, que acaba de regressar do seu país, recebemos a seguinte carta explicativa da situação das tropas espanholas em Marrocos:

Sr. Director:

Acabo de chegar de Espanha. Muito se diz e escreve quanto ao ultimo desastre sofrido pelas tropas espanholas em Marrocos. Entre outras noticias mais ou menos verdadeiras, li hoje em um jornal da manhã um telegrama de Bordéos que deveras me deixou perplexo! Tenho quasi toda a minha familia em Marrocos, tenho vivido lá bastante tempo e por varias vezes desde 1909; conheço a palmos toda aquela região e eis porque certas informações me deixam atonito!

Já quando li por indicação de um correspondente do «Times», creatura que conheço de há muito anos como encarniçado hispanofobo, que constava para aí que as tropas espanholas tinham sofrido perdas numa totalidade de 20.000 me admirei, ficando até certo ponto julgando a possibilidade de uma gralha tipografica! Apenas tinhamos em Marrocos no momento do desastre um total de 8 a 10.000 espalhados por uma extensão de 200 kilometros quadrados.

Leio que Mar Chica que perfeitamente conheço é uma região agricola e mineira... onde afinal nem a ricultura nem minas existem, a não ser mais para o interior e para o sul!

Tenho alguns terrenos no territorio de Melilla e por isso sei perfeitamente a situação em que se encontram aquelas regiões e sobre tudo a respectiva geografia--o mesmo talvez não possa dizer quem redigiu o telegrama de Bordéos!--Diz ainda o telegrama que os rebeldes conseguiram alcançar Cabo de Agua e que daí estão bombardeando o porto de Melilla, causando dificuldades ao desembarque das tropas espanholas. Como pode isso ser se Melilla se encontra a uns 100 kilometros de Cabo de Agua?!... Canhões?! Os rifenhos apenas possuiam um que há anos escapou do naufragio do «General Concha» e esse mesmo canhão foi entregue á Espanha em sinal de submissão, tempos depois.

Canhões que tenham apanhado as tropas espanholas? Duvido... Tudo me leva a supôr que Cabo de Agua continúa em poder da Espanha, segundo noticias recentes que tenho recebido, e os canhões tomados ás tropas espanholas em Anual (isto é a muito mais de 100 kilometros de Cabo de Agua) dificilmente poderiam em alguns dias atravessar uma região arida sem vias de comunicação como é a que estende entre o primeiro e o segundo ponto! Geralmente em tempos normais as comunicações entre Melilla e Cabo de Agua são por via maritima.

Acabo de receber noticias de Melilla: A cidade encontra-se em perfeito socego, tendo uma grande confiança no sucesso das tropas espanholas que saberão dominar a insurreição. Além disso, dizem-me tambem, que as tropas de reforço estão chegando continuamente e desembarcando na melhor ordem aclamadas pelo povo. Como poderiam os rifenhos bombardear o porto sem bombardear a cidade e como não dariam os habitantes por isso?!

Dizem-me ainda, que *«a revolta se estende a todo o vale de Muluya e mais a leste até á fronteira argelina*, acrescentando, que os rifenhos da zona francesa *têm-se conservado tranquilos.»*

Existe aqui uma contradição flagrante! A seguir ao rio Muluya começa o dominio francês, até e para lá é claro, da fronteira argelina... Como é então que na região francesa tudo está tranquilo?

Em resumo, é curioso notar-se o quanto de absurdo têm as noticias que em Portugal se recebem continuamente sobre este assunto!--De V. etc., *Antonio Gimenez.*

OS TEATROS SEM PUBLICO

A chamada crise teatral só existe no espirito dos empresarios

"Antes da baixa dos ordenados dos artistas será necessario provocar a sua alta"

Entrevistado pelo "Diario de Lisboa" o distinto actor sr. Eduardo de Freitas afirma:—O que os empresarios deviam apodar de crise é propriamente o caso de já não encontrarem nem peças, nem desempenhos, nem montagens, nem reclamos que consigam estimular o publico e dar-lhe a noção da arte

Dos novos, Eduardo de Freitas é um actor que já marcou com brilho o seu lugar na ribalta, na conferencia e na polemica. O teatro sendo para ele uma vocação, é tambem uma expressão de beleza. E é por isso que vê sempre que pode vem até o publico transmitir-lhe as suas ideias, dar-lhe a sua impressão dum teatro mais belo, mais rial, mais poderoso de vida.

Esta entrevista é um prometimento antigo de Eduardo de Freitas. Ele principiou:

—Começam a aparecer os primeiros reclamos á baixa dos ordenados dos artistas. A ocasião parece propicia aos reclamistas: os teatros acusam uma diminuta frequencia de publico...

—Mas, não era propriamente este o assunto, dissémos.

—Comtudo, é o mais actual, replicou Eduardo de Freitas.

E prosseguindo:

—A crise propriamente dita não existe senão na imaginação dos empresarios, sempre surpreendidos pelos fenomenos mais normais da vida teatral. A unica diferença entre a chamada crise dos teatros e as outras é a falta de apêlo á protecção do Estado... Seria de todo inutil esse apêlo.

—Porquê?

—O teatro é ainda considerado entre nós como uma instituição parasitaria. Se é certo que não tem *livrete* e *revista*, tem o visto obrigatorio da policia administrativa e as suas questões estão sob a alçada do governador civil!...

—Sem «blague»?

—O que lhe acabo de dizer é autentico. Mas voltemos á crise dos teatros. O que se dá neste momento é uma sensivel baixa na media da frequencia das casas de espectaculo.

—E não é essa *baixa* que constitue a crise?

—O que os empresarios deviam apodar de crise é propriamente o caso de já não encontrarem nem peças, nem desempenhos, nem montagens, nem reclamos que consigam estimular o publico.

—O verão influe...

—E' neste momento, sempre neste momento que os empresarios perdem a cabeça, e completamente desorientados clamam: crise! crise! crise!

E com humorismo Eduardo de Freitas acrescenta:

—O empresario é o ser mais supersticioso e oportunista que se conhece no meio teatral. Não há uma só feliz resolução sua que não seja determinada pelo simples encontrão dum corcunda, á saida da porta, pelo numero de letras do nome do seu teatro, pela côr das taboletas dos reclamos, pelo acaso do encontro com um cavalo branco no momento da meditação...

Em Lisboa há um empresario cujos nomes dos teatros aparecem no cartaz sempre escritos com a ortografia moderna. Há um porem que não lhe sugere a regra...

—Porquê?

—Porque daria 13 letras, e que é azar.

O jornalista sorriu-se. Eduardo de Freitas, sorrindo-se tambem, prosseguiu:

—Sem esforço vemos que a decantada crise não passa duma manifestação ocasional de pavor dos capitalistas consequencia inevitavel da desorientação dos empresarios, e portanto sem nenhuma base moral para uma descarga de responsabilidade sobre os artistas.

O desafogo da vida material de artistas é sempre um factor de influencia decisiva na criação artistica. Antes da baixa dos ordenados dos artistas seria necessario provocar a sua alta.

—Em que condições de encargos funcionam hoje os teatros de Lisboa?

—A sua interrogação sugere-me outra: Quantos escudos pagam, sob as multiplas formas de percentagem, lugares captivos, juros a capitais de empate; aluguer de materiais?

E sempre de seguida Eduardo de Freitas afirma:

—Querem, porventura os empresarios que apresentemos á condenação publica os defeitos estruturais da exploração artistica do teatro?

Desejam que digamos o que faz a insensibilidade do sentido artistico do publico? Como é feita a fabricação dos nomes artisticos? Em que condições vive o meio teatral sob o ponto de vista tecnico-artistico? Como vê, meu amigo, não existe a celebrada crise, ou melhor falando,—existe há muito tempo uma unica crise teatral:—a crise da desorientação, da falta de aplicação da inteligencia a uma instituição social que não pode dispensá-la nunca.

A inteligencia, provada em mil e uma acções de sua vida particular, é unicamente o que os empresarios precisam para afastar o fantasma da crise que os deixa em suores frios a cada visita á bilheteira.

O *resto*, que eles gastam em abundancia, manifestações duma diplomacia porventura elegante, *rafinée*, mas interil, não se faz mister para solvencia dos seus compromissos.

Notas Mundanas

Diplomatas

Partiu ontem para Paris, onde vai juntar-se a sua familia, seguindo depois com sua esposa e gentis filhas em digressão pela Suiça, o ilustre ministro de Cuba em Lisboa, sr. D. Luís de Miranda

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dá «rendez-vous» ámanhã na recita da moda do teatro Nacional e na «soirée» elegante do Cinema Condes

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Angelica Pimenta de Lacerda Homem de Melo, esposa do sr. dr. Miguel Homem de Sampaio e Melo, dignissimo juiz em Setubal. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

—Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria das Dores de Sarrea d'Orey Pereira Coutinho, esposa do sr. D. Luís Pereira Coutinho. Mãe e filhos encontram felizmente bem

Baptisados

Na paroquial egreja de Cascais realizou-se o baptizado de um filhinho da sr.ª D. Ana de Mendonça de Siqueira Cabral da Camara e do sr. D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte). Serviram de madrinha a sr.ª D. Maria da Graça da Camara e Nuno Xavier de Siqueira, tios da gentil creança que recebeu o nome de José Maria.

Celebrou o acto o reverendo conego sr. Miguel da Cunha e Lorena, tio do recem-baptizado.

—Realizou-se ha dias na capela particular do solar de Rodas, em Monsão, o baptizado de um filhinho da sr.ª D. Maria Augusta Malheiro de Tavora Lobo de Miranda e do sr. dr. Joaquim Lobo de Miranda. Serviram de madrinha da gentil creança, que recebeu o nome de Luís Filipe, a sr.ª D. Maria da Luz Barreto Sachetti e de padrinho o sr. Casimiro Barreto Sachetti. Foi celebrante o reverendo Baião, digno parocho de Mocsão.

—Há dias realizou-se na paroquial egreja da Encarnação o baptizado de um filhinho da sr.ª D. Maria José de Aboim do Quental e do sr. dr. Gualter do Quental. A gentil creança recebeu o nome de Luís Filipe, tendo servido de madrinha a avó materna sr.ª viscondessa de Idanha e de padrinho o sr. José Antonio Ferreira.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Eulalia Sellés de Sande e Castro, D. Fernanda de Magalhães Van-Zeller, D. Maria Felismina Franco Falcão, D. Sofia Cardoso Pedreira de Sampaio Dart da Costa, D. Adelia da Conceição Pinto Monteiro de Melo Queiroz e D. Maria Emilia da Rocha Peixoto.

E os srs.:

D. Manoel de Castro (Resende), D. Alvaro de Lencastre Gil, dr. Joaquim de Matos Chaves, Fernando Van Zeller e Carlos Zeferino da Camara Pinto Coelho.

Casamentos

Na igreja de Santos-o-Velho realisou-se no ultimo sabado o casamento da sr.ª D. Maria Sofia de Bastos Folque, gentil filha da sr.ª D. Maria Augusta Bastos Folque e do sr. Carlos Feio Folque, já falecido, com o sr. João Filipe Moreira de Lima, filho da sr.ª D. Palmira Moreira de Lima e do sr. Fernando Moreira de Lima.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Palmira Folque de Oliveira Feijão, tia paterna da noiva, e D. Palmira Moreira de Lima, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Caetano Xavier Bastos, tio materno da noiva e Mario Augusto Basto Folque.

Finda a cerimonia religiosa, que revestiu um caracter muito intimo, foi servido um finissimo «lunch».

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

— Foi no sabado pedida em casamento pelos srs. condes de Ervideira, para seu filho Luiz, a sr.ª D. Julia de Aboim Amado, gentil filha da sr.ª D. Luiza de Aboim Amado e do sr. José Amado.

O casamento realisar-se-ha em Novembro.

— Pelo sr. José Avelino de Oliveira, foi pedida em casamento, para seu filho o sr. Alvaro Ramos de Carvalho de Oliveira, a sr.ª D. Izabel Ferreira da Silva, gentil filha da sr.ª D. Maria Ferreira da Silva e do sr. Manoel Francisco da Silva, já falecido. O casamento realisa-se brevemente.

Em viagem

Encontra-se actualmente em Paris com sua familia a sr.ª viscondessa de Silvares.

— Partiu para Mangualde a sr.ª D. Albertina Pinto da Costa, irmã do nosso antigo camarada na imprensa sr. Julio da Costa Pinto.

— Por estes dias parte para Cintra a sr.ª condessa de Cuba.

— Na sua quinta da Bela Vista, em Cesimbra, encontra-se com sua gentil filha D. Julia, a sr.ª D. Conceição Braz Caldeira.

— Com sua esposa a sr.ª Elisa Ferreira de Lima, é esperado na Figueira da Fóz, vindo do Porto, o sr. dr. Duarte Lima.

MÁ-LINGUA

Alberto de Monsaraz

Conheci-o no tempo em que era conde;
era um heroe; tinha um sorriso aberto,
uma meiga expressão, olhar esperto;
fazia belos versos de onde em onde.

Agora... Não suponham que se esconde
odio ou rancôr em mim! —Mas não acerto
a ver no poeta simplesmente Alberto
o mesmo encanto de quando era conde...

Dedicou-se ao jornal: despreza as trovas;
armou em Papa *de doutrinas novas,*
*—*Papão *que não assusta uma criança!*

Não faria portanto mais sentido
que voltasse de facto *ao apelido*
e em vez de Monsaraz fosse Papança?

TAÇO.

Propaganda de produtos nacionais no estrangeiro

Com o titulo Sociedade de Propaganda Comercial Portuguesa Limitada acaba de fundar-se uma empreza que se propõe fazer a propaganda dos produtos nacionais nos principais mercados estrangeiros. Essa sociedade, cuja séde é em Lisboa, terá sucursais em Paris e Bruxelas, tencionando tambem creal-as noutras capitais.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Vapor "S. Miguel"

Deve entrar hoje ás 21 horas no Tejo

O vapor *S. Miguel*, da Empresa Insulana de Navegação, deve entrar no Tejo pelas 21 horas de hoje.

Ler na 2. pagina:

OS SEDUTORES

de VASCO DE MENDONÇA ALVES

Artigo critica de **Norberto de Araujo**

Uma missa campal nas Ruinas do Carmo

Vai ser mandada rezar pela Cruzada Nun'Alvares Pereira

O sr. ministro da instrução autorisou a Cruzada D. Nuno Alvares Pereira a mandar celebrar uma missa campal nas ruinas do Carmo.

PROVINCIAS

Em Coimbra
Em Coimbra
Antonio Augusto Gonçalves

Coimbra, 1

No Museu Machado de Castro realizou-se uma sessão de homenagem ao sr. Antonio Augusto Gonçalves, a qual foi presidida pelo sr. dr. Julio Henriques, que fez o elogio do homenageado. O sr. Antonio Ribeiro de Vasconcelos leu uma bem redigida mensagem, enaltecendo as qualidades do ilustre professor e artista, pondo em destaque a sua grande obra a favor da arte e dos artistas. Esta homenagem, promovida por um grupo de amigos e admiradores do sr. Antonio Augusto Gonçalves, constituiu para ele uma surpreza, pois tudo ignorava. Nela tomaram parte senhoras, muitos professores, artistas, oficiais do exercito, e estavam representadas diversas colectividades de Coimbra.

Faculdade de Medicina

O conselho da Faculdade de Medicina reconduziu os seguintes 2.os assistentes no ano lectivo de 1921-1922: drs. José Antonio de Sousa Nazaré, Francisco de Freitas Cardoso Costa, Arfur de Azevedo Leitão, José Antonio Cid de Oliveira, Acacio da Silva Ribeiro, Miguel Marcelino Ferreira de Moura, Maximino José de Morais Correia, Antonio Fernandes Ramalho, João Miguel Ladeiro, Francisco da Cruz Vieira e Brito, José Nevil d'Ascenção Pinto da Cunha Saavedra, Luiz Antonio Martins Raposo, João Maria Porto, Horacio Paulo Menano, Julio Coutinho de Sousa Refoios, Luiz Augusto de Morais Zamith, Augusto Cesar de Barros e o sr. José Bacalhau.

Exames de admissão

Principiam no dia 8 do corrente os exames de admissão ao Liceu.

Museu Machado de Castro

O Museu Machado de Castro foi autorizado a levantar a verba de 10:000 escudos, que lhe acaba de ser concedida para as obras de adaptação da igreja de Almedina ao Museu de Arte Sacra, cujas obras, ha muito iniciadas, devem estar concluidas no proximo mez de outubro.

Em Marco de Canavezes
Em Marco de Canavezes
Santa Marinha de Fornos

Marco de Canavzes, 31

Realizou-se nesta vila a festividade a Santa Marinha de Fornos, padroeira da freguezia, com musica, procissão que percorreu as principais ruas da vila, arraial e festival noturno. Durante este realizou-se uma kermesse em beneficio da mesma festividade, que esteve sempre muito concorrida e animada. O policiamento foi feito por praças da guarda republicana e tudo decorreu na melhor ordem.

Em Arouca

Julgamento

Arouca, 30.

Respondeu ontem em audiencia geral, no tribunal desta comarca, Manuel Francisco dos Santos, acusado de no dia 20 de janeiro deste ano ter agredido com uma facada o seu visinho Albino Pereira, com quem se envolveu em desordem por causa de aguas, produzindo-lhe ferimentos de que resultou a morte. O juri deu o crime como provado, mas sem intenção de matar, sendo o reu condenado em um ano de prisão correccional e nas custas e sêlos do processo por não se ter provado a pobreza do acusado. Fez a acusação o digno agente do Ministerio Publico n'esta comarca, e a defesa o sr. dr. Reinaldo Duarte de Oliveira, que manteve a fama de orador brilhante e advogado distintissimo.

Em Castanheira de Pera
Em Castanheira de Pera
A industria dos lanificios

Castanheira de Pera, 31

A industria de lanificios neste concelho, que é uma das mais importantes do país, está na perspectiva de uma crise perigosa, devido á quase completa paralização do comercio. Nem os industriais, nem os comerciantes tem feito aquisição de lãs nem isso lhes é facil por causa dos grandes stocks, de fazendas fabricadas sem compradores.

Vão fechar algumas fabricas e outras trabalharão alguns dias por semana.

Junte-se a este mal a falta de subsistencias, sobretudo o milho, o principal cereal de que aqui se faz uso, que ainda mantem o preço de seis escudos por 10 quilos.

Torna-se indispensavel que superiormente se vão tomando previdencias, se se quiser evitar grandes males.

Falecimento

Com a idade de 16 anos faleceu na povoação de Festosa Cimeira, um filho do sr. Antonio Luis Gouvela, com o mesmo nome cuja morte foi bastante sentida. No seu funeral, muito concorrido, encorporaram-se as pessoas mais gradas da sua terra.

O tempo

O tempo tem refresc do bastante; a estiagem, porém, que vem de ha muitos meses, é a causa da grande falta de agua, como não ha memoria.

GOTA

Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia

ESTORIL — TERMAS

A GARRETT

Pâtisserie et Restaurant

Table d'Hôte

Service à la Carte

Five ó clock tea

Lunchs et Soirées

ORQUESTRA IBERIA

sob a direcção do eximio violinista

JOAQUIM ROIG

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35. 2.

N.º TELEFONICO: 4:233 C.

BORGES & IRMÃO—LISBOA

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO	RIO DE JANEIRO
Praça do Municipio, 35 a 38	R. do Bomjardim, 57 a 65	24, Rua da Alfandega, 24
Largo de S. Julião, 1 a 6	R. Sá da Bandeira, 57 a 59	

END. TELEGR.: «BORGIRMÃO» (LISBOA, PORTO, RIO DE JANEIRO)

TELEFONES: PORTO 302, 5416 C. — LISBOA 5417 C., 5418 C. — RIO DE JANEIRO 3151

Casa fundada em 1884

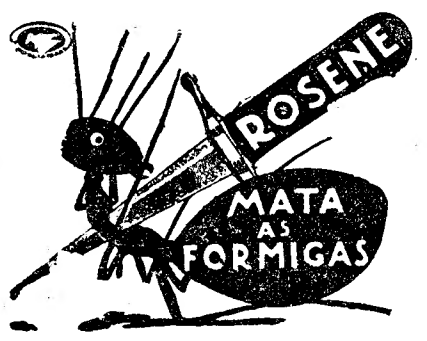
Efectuam todas as operações bancarias, tais como: Depositos a prazo e á ordem em moeda nacional e estrangeiras, descontos, transferencias, contas correntes, compra e venda de cambiais, moedas e notas estrangeiras, ordens telegraficas e por correspondencia, abertura de creditos, emissão de cheques sobre o país e estrangeiro, cartas de credito, ordens de bolsa no país e estrangeiro, compra de coupons, titulos nacionais e estrangeiros, emprestimos caucionados, serviço de cofres-fortes, etc., etc.

Secção Maritima

Endereço telegrafico: "STEAMSHIP" TELEFONE n.º 2290 C

Representantes em Portugal da

The Anglo-Portuguese Steamship Co. Ld. e Isaacs Line



Deposito — MARINHO E AMARAL

R. do Jardim do Regedor, 23

LISBOA

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

Chegwin, Moura & C.ª L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1/2 0/0	5 0/0	6 0/0	7 0/0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral

Telegramas «TOM» Telefone Central 3033

103, RUA AUREA, 105

FONSECAS, SANTOS & VIANNA

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59

E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

DE FRANÇA

Kerensky, entrevistado pelo jornal "Excelsior", diz que o povo russo está condenado á morte, devido ao regime bolchevista—Um discurso sobre a politica interna e externa do governo francês—A data da reunião do Conselho Supremo sempre é a 8 do corrente mês de Agosto

PARIS, 2

Num artigo publicado no «Excelsior», Kerensky declara que sem auxilio de organização internacional, o povo russo está condenado á morte. Kerensky mostra em seguida que o desastre da Russia provém da guerra civil e do regime bolchevista. As terras cultivadas diminuiram sensivelmente, faltando os meios de transporte. Calcula-se que a colheita na Russia da Europa seja de 500 ou 600 milhões de «pounds» em lugar de três milhões de «pounds» antes da guerra. Por outro lado, devido ao panico da população, todas as antigas reservas estão escondidas e o trigo novo está escondido em poços, visto os aldeãos não quererem entregar as suas colheitas ao poder bolchevista, a quem detesta. Kerensky conclui, dizendo que aqueles que no Kremlin se agarram desesperadamente ao poder receiam o castigo que merecem e que esse receio forçá-lo-ha a dar ao povo russo a sua liberdade de acção

O «Petit Parisien» informa que no decurso da viagem que o ministro da marinha, sr, Guisthau, fez a Saint-Nazaire, este fez saber que o sr. Briand, presidente do conselho, escolherá Saint-Nazaire, terra da sua naturalidade, para em Setembro pronunciar ali um discurso, no qual exporá a politica interna e externa do governo.

O «Petit Parisien» faz ressaltar que, se a data da reunião do Conselho Supremo está marcada para 8 do corrente, outro tanto não sucede com relação ao ponto de reunião do mesmo conselho. Ainda não foi tomada resolução alguma a este respeito. Paris tem os seus partidarios, Bolonha os seus.—(R.)

DO JAPÃO

A evacuação da Siberia e a questão do desarmamento

Resoluções do conselho de ministros

TOKIO, 2.

Em resultado dos acordos preliminares ácerca da discussão do desarmamento, o conselho de ministros reuniu para resolver a evacuação da Siberia. O governo japonês não desejaria participar da conferencia do desarmamento estando ainda a braços com esta questão.—(U. P.)

DE INGLATERRA

Segundo um banqueiro americano, a situação inglesa é muito perigosa

LONDRES, 2.

O sr. Franck Vanderlip, um dos mais importantes banqueiros da America, numa entrevista concedida declarou que a actual situação na Inglaterra é muito perigosa.—(U. P.)

O almirante Black visitou o rei de Inglaterra a bordo do seu "yacth"

LONDRES, 2.

O rei de Inglaterra, recebeu no seu «yacht» a visita do almirante americano Black, tendo depois pago a visita indo a bordo do couraçado Utah.—(U. P.)

SOBRE A TRAGEDIA DE MARROCOS

Recorda-se uma viagem que o rei D. Fernando fez em 1856 a Tanger

"Foi nas planicies arenosas de Marrocos que deu os primeiros passos o nosso lindo sonho de além-mar"

O recente desastre das tropas espanholas veio acordar para a imaginação publica o nome de Marrocos, que fôra passando a pouco e pouco para o dominio das caturrices de chancelaria...

Num estremeção de atavica bravura, o velho leão do Atlas sacudiu a juba desbotada e rala, aprumou o gasto corpo, atroou os ares com o seu rugido dissonante, e o sangue correu, vermelho e quente, como nas carnificinas de out'ora.

O assomo de revolta que vitimou tantas centenas de espanhoes, não teve, nem podia ter, uma importancia decisiva; com o pretexto hipocrita de levar a uma raça diversa da nossa os beneficios da civilisação tal como nós, europeus, a entendemos, vão caír sobre Marrocos enxames crepitantes de metralhadoras, bandos mortiferos de aviões, todas as maquinas de morte que os moiros não teem. E' uma luta demasiado desigual para que o resultado possa ser duvidoso.

Aos corações portugueses, o que diga respeito a Marrocos leva um travo amargo de saudade. Foi nas suas planicies arenosas que deu os primeiros passos o nosso lindo sonho de além-mar; foi entre os seus horizontes, cortados pela interjeição aguda das piteiras, que veio a rasgar-se a ultima pagina d'esse sonho.

De resto, que abismo entre o Marrocos de hoje e o de ontem!

Ainda quando D. Fernando, inutilmente incognito, visitou em 1856 o grande imperio vizinho, pôde observar os costumes moiros em toda a sua pureza. Ao desembarcar, era esperado por um emissario do bachá Ben-Abd-El-Malek, que vinha pôr á sua disposição um cavalo riquissimamente ajaezado de seda, veludo e ouro; mas o rei, como não desejasse utilizá-lo, teve de ir a pé para o consulado português, por não haver em Tanger, nem em todo Marrocos, devido ao fanatismo indigena, uma carruagem ou qualquer meio de transporte que tivesse rodas. O proprio bachá esperava o rei, mais adiante; mas como D. Fernando ia a fumar e corria então o mês de Ramadan, durante o qual não se pode, de sol a sol, sequer cheirar o fumo do tabaco, o potentado moiro recebeu o principe cristão com os salamaleques da praxe, executados pela mão direita, emquanto com a esquerda tapava cuidadosamente o nariz.

Durante a jornada para Tetuão, a cada passo desciam das colinas que bordavam o caminho, num galope doido, num frenetico adejar de albornozes brancos, sacerdotes macilentos, de barba negra até á cinta, que vinham abençoar a regia jornada e beijar reverentemente a perna direita do monarca...

Hoje em dia os moiros ricos vão perdendo caracter; dias antes de saír de Tanger, há já anos, em nossa casa, em frente da condessa de Martens Ferrão, que fumava uma perfumada cigarrilha—o que era ainda então uma graciosa ousadia de diplomata—sentava-se Ben-Hébi, moiro multimilionario, todo vestido de branco, e tendo á cinta um punhal que valia fortunas; eram parceiros no «bridge»...

Mas a grande massa dos moiros, vendo espezinhado tudo quanto constituia a sua crença, vendo cortados por linhas ferreas os campos onde já não podem galopar livremente, vendo correr pelas estradas brancas a «silhouette» sacrilega dos Rolls-Royce, nutrem no intimo uma colera latente, condensada, que nem os seculos apagarão, contra os estrangeiros sem fé que vêm assenhorear-se das terras benditas do Islam! Colera que todos os dias se alimenta com vexames novos, e se nutre em silencio com a tragica sensação da propria impotencia.

Revoltas assim, de uma ferocidade subita, há de haver muitas; e as represalias sangrentas a que vamos assistir semearão, no animo dos moiritos bronzeados que ficaram sem pai, as sementes do odio que, pacientemente reservado, explodirá em convulsões como esta nas gerações futuras.

Duas nações poderiam ter aspirado a um dominio efectivo de Marrocos. A Inglaterra e Portugal.

A Inglaterra, começando por pôr em jogo a brutalidade da sua força esmagadora, logo seguida pela maravilhosa inteligencia da sua colonização.

Portugal, pela força soberana da tradição, ainda hoje profundamente gravada no espirito dos moiros, ainda hoje palpavel em muralhas ciclopicas, em portas brazonadas, em mil vestigios semi arruinados, que, tendo resistido a guerras e devastações, tendo resistido á propria artilharia do principe de Joinville em 1844, são na sua velhice arruinada e muda outros tantos marcos da nossa grandeza extinta.

A Inglaterra, porém, fez das suas pretensões sobre Marrocos uma carta de trunfo, de que se utilizou com a sua consumada estrategia diplomatica.

Teremos de ver Marrocos agonizar lentamente, através do tempo. Pois, pelo nosso lado, o grande sonho: português nascido ha quinhentos anos morreu de facto no dia em que o Sol, tomando para si a alma nostalgica do Encoberto, espalhou pelo poente, numa poeira de cristalisações rubras, o sangue sacrosanto de Alcacer-Kibir!

Tomás Ribeiro Colaço

DE FRANÇA

Um formidavel incendio está destruindo as florestas dos Vosges e com elas os tumulos dos mortos da grande guerra

O incendio faz com que rebentem algumas granadas que ainda não tinham sido tiradas dos campos de batalha

PARIS, 2.—Estão a arder as grandes florestas dos Vosges, proximo de Watisiller, onde se travaram rudes combates durante a guerra. Os bombeiros pouco podem fazer para evitar o incendio porque alguns centos de granadas, que ainda não tinham sido levantadas, explodem devido ao calor e ao fogo, tornando o terreno impraticavel. As explosões teem destruido muitos tumulos de officiaes e soldados que morreram durante a guerra.—(U. P.)

DE BERLIM

A questão das sanções será tratada na proxima reunião do Conselho Supremo—O que diz o Tratado de Versailles sobre a Alta Silesia—A Inglaterra manterá uma esquadra no Baltico?—A politica de reconciliação russa—O presidente Harding e a paz com a Alemanha

BERLIM, 2

Os jornais ingleses dizem que a Inglaterra deseja tratar, na reunião do Supremo Conselho, da chamada questão das sanções, que põe em perigo o govêrno Wirth, o qual, deve-se reconhecer, se tem esforçado por cumprir o «ultimatum» da Entente.

O «Giornale d'Italia» diz que em face do tratado de Versailles não pode haver duvida que a Alta Silesia pertence á Alemanha.

Diz-se que a Inglaterra resolveu manter permanentemente uma esquadra no Baltico, com base em Dantzig. Esta resolução causou grande irritação na Suecia. A imprensa sueca incita o país a desenvolver energicamente as suas forças navais. Branting, no «Social Democrate», produz novas discordias entre a Inglaterra e a França, que desejaria que o Baltico fôsse um mar aberto.

Na ultima reunião dos «comités» executivos dos «soviets», Trotzky opôs-se á politica de reconciliação preconizada por Lenine, porque a sua opinião dará resultados negativos. Trotzky insistiu na necessidade de fazer a guerra especialmente á Polonia, como resposta ao odio da Europa pela Russia. A Russia tem conseguido os seus «desideratum» pela guerra, não por outra qualquer maneira.

Segundo dizem os jornais americanos, o presidente Harding deseja estabelecer a paz com a Alemanha muito mais cedo do que geralmente se pensa, falando-se em que dentro de dez dias os dois paises terão reatado as suas relações.—(R.)

DE ESPANHA

Os numeros mais premiados na lotaria

MADRID, 2.

Numeros mais premiados na lotaria: 21.413, 16.292, 6.470 com 1.500 pesetas; 14.262, 1.576, 28.737, 19.911, 20.363, 26.394, 21.779, 5.372, 32.971, 25.090, 25.587, 8.854.—(R.)

DE COPENHAGUE

A viagem do rei da Dinamarca á Islandia e á Groenlandia

COPENHAGUE, 2.

O rei e a rainha da Dinamarca, de regresso a esta cidade, manifestaram a sua satisfação pela maneira como foram recebidos durante a sua viagem á Islandia e á Groenlandia.—(R.)

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

AFIRMAÇÕES CLARAS

As eleições, a dissolução, o governo, o parlamento, a revolução

Conclusão da entrevista com o capitão sr. Cunha Leal

(*Continuação da 4.ª página*)

— Eu não assisto ás primeiras sessões do Parlamento. Não sei ainda...

Aqui, um gesto de indecisão, mas muito leve. Um carro passou cheio de gente. Cunha Leal cumprimentou alguem.. Ficámos.

— Este governo, que, de maneira alguma, queria governar com os democraticos, socorre-se agora dêles. Para que se dissolveu então o Parlamento?

— Porque o sr. Barros Queiroz o quiz, porque pediu a dissolução ao sr. Presidente da Republica.

— E' tão estranho isso!

Houve um silencio. O tal homem que nós não vêmos jurar que fosse da P. S. do E., tinha-se dependurado no estribo do carro que passara. Estavamos sem testemunhas. Tivemos a emoção da confidencia, uma confidencia grave. Ela veiu em frases simples:

— Eu sei que na ocasião em que o sr. Barros Queiroz estava tomando posse da pasta das Finanças, o sr. dr. Antonio José de Almeida disse para duas individualidades: eu não darei a dissolução ao presidente do ministerio, sem primeiro se verificar que êle não pode governar com o Parlamento. Quando êle veiu aqui pela primeira vez — referia-se á sua residencia particular — não queria formar ministerio sem a dissolução, mas, da segunda vez, a sua atitude modificou-se. Haja qualquer conflito com o Parlamento e então dar-lha-hei, foram as ultimas palavras do Chefe do Estado.

E, terminada a sua confidencia, acrescentou:

— O sr. Barros Queiroz impediu que o Chefe do Estado realizasse os seus desejos. Amarrou-o ao seu ministerio...

Um electrico apareceu um pouco mais vasio. Cunha Leal e o jornalista tomaram lugar na plataforma. A conversa smorzou; no entanto, Avenida abaixo, trocaram-se ainda muitas frases. Delas tirámos a seguinte conclusão: o sr. Cunha Leal é um homem, digamos, entrevistavel até ao infinito. Eu não sei se os leitores compreendem o que queremos dizer?... — [illegible]

S. CARLOS

:-: HOJE :-:

ÁS 9 1|2

SEDUTORES

Original de Vasco de Mendonça Alves

Enscenação do professor ANTONIO PINHEIRO

Ultimas Noticias

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

O SR. AUGUSTO BARRETO É ELEITO PRESIDENTE DO SENADO

A' hora de fecharmos o jornal o governo está fazendo a sua apresentação nesta casa do Parlamento

A menos que fóra da ordem se ventile algum assunto de grande importancia—o que não é muito provavel, porque o governo está no Senado a fazer a sua apresentação—os trabalhos de hoje nesta Camara não devem oferecer interesse de maior. Se a tabela não fôr alterada serão, apenas, eleitas as comissões administrativa, regimental, de infracções, finanças e agricultura.

Comissões de verificação de poderes

As comissões de verificação de poderes estão funcionando nos diversos gabinetes, devendo concluir ainda hoje o estudo de alguns processos.

O partido liberal tem cinco "leaders"

Não sabemos se é novidade, mas só agora é que descobrimos o caso. O' partido liberal tem nada menos do que cinco «leaders»:

«Leader» politico, Afonso de Melo.
» financeiro, Lelo Portela.
» juridico, Matos Cid.
» industrial, Aboim Inglês.
» colonial, Ferreira da Rocha.

Alguns ex-parlamentares que assistem á sessão têm ainda esperança

A animação nos Passos Perdidos é igual á dos ultimos dias, vendo-se entre a assistencia alguns ex-parlamentares que ainda esperam ser proclamados e novos candidatos que por'ora não perderam a esperança de tomar assento na Camara para onde se propuzeram.

Ao subir do pano...

A' hora regimental estão na sala unicamente dois deputados; um democratico e outro independente.

Os castigos aplicados aos oficiais milicianos

Perto das 15 o sr. Pinto da Fonseca envia para a mesa uma nota interpelando o sr. ministro da guerra sobre os castigos aplicados aos oficiais milicianos que frequentaram, na Escola Militar, o curso 1920-1921.

Em seguida faz-se a chamada, estando na presidencia o sr. Jorge Nunes, leem-se a acta e o expediente, que não é grande. Nas galerias, fraca concorrencia.

Os trabalhos continuam.

O sr. dr. Jacinto Nunes, como senador mais antigo toma a presidencia

A's 15 horas assume o lugar da presidencia o sr. dr. Jacinto Nunes, como senador mais antigo, e convida para secretários os srs. Mandes dos Reis e Oliveira Santos.

A' chamada, respondem 41 legisladores.

Depois de aprovada a acta, o sr. Pereira Osorio insurge-se contra o facto de não ter sido registado na acta o seu protesto lavrado na ultima sessão.

O sr. presidente dá várias explicações, com as quais o sr. Pereira Osorio e a Camara se identificam.

Seguidamente, procede-se á eleição do presidente da mesa, que recai no sr. Augusto Barreto, e vice-presidente, que fica sendo o sr. Afonso de Lemos.

O escrutinio é feito pelos srs. Rêgo Chagas e Fernandes de Almeida e dá o seguinte resultado: Augusto Barreto (liberal), 32 votos; Afonso de Lemos (liberal), 32 votos; Correia Barreto e Pereira Osorio, 15 votos.

Para secretários foram eleitos os srs. Mendes dos Reis e Henrique Rosa (liberais), com 32 votos; Ramos Pereira e João Pessanha (democraticos), com 15.

O sr. Augusto Barreto toma logar na presidencia

O sr. Jacinto Nunes proclama os eleitos e convida o novo presidente a ocupar o seu lugar.

O sr. Augusto Barreto agradece a honra da escolha do seu nome para tão elevado cargo e promete ser, naquele lugar, imparcial e correcto.

(*Apoiados*).

Os srs. José Maria Pereira, Julio Dantas, Dias de Andrade, Catanho de Menezes, respectivamente, pelos partidos liberal, reconstituinte, católico e democratico, saudam o presidente.

Vota-se, ainda, a comissão do regimento e de um vogal para a comissão administrativa, cuja votação é a seguinte: José Maria Pereira e Mendes dos Reis (liberais), 32 votos; Silva Barreto, 14 votos. Para vogal foi eleito, pela minoria, o sr. Martins Cardoso.

* * *

A' hora que escrevemos, está no Senado o novo governo para fazer a sua apresentação.

DA ALEMANHA

O numero de desempregados baixa num mês de 358:161 para 316:070

Uma redução de 20 por cento no numero de individuos sem colocação

LONDRES, 2.—O numero de desempregados na Alemanha baixou de tresentos e cincoenta e oito mil e cento e sessenta e um no dia primeiro de Junho, para tresentos e deseseis mil novecentos e setenta em Julho, tendo havido uma redução de 12 o|o no numero de individuos que não tinham colocação.—(U. P.)

A SITUAÇÃO RUSSA

A que se atribui a fome que lavra em toda a Russia

Não há memoria de haver uma tão extraordinaria seca — Uma exigencia dos comissarios do governo

HELSINGFORS. 2.—Atribue-se a fome horrorosa que lavra na Russia a uma seca extraordinaria de que não ha memoria ha muitos anos, e tambem sobretudo aos metodos aplicados pelas autoridades sovietistas que contrariam todas as ideias dos camponeses. Por exemplo, das cidades foram requisitados aos comissarios do povo grande numero de cavalos para o serviço de transportes precisamente na epoca dos trabalhos agricolas. Quando os camponeses protestavam dizendo que não podiam sem cavalos fazer os seus trabalhos no campo, os comissarios limitavam-se a exigir o cumprimento das suas ordens, e á menor hesitação respondiam com represalias.—(U. P.)

Monumentos nacionais

Assim vai ser classificada a capela de Nossa Senhora do Espinheiro em Evora

Vai ser classificada de monumento nacional a capela de Nossa Senhora do Espinheiro, na freguesia de S. Manços, concelho de Evora.

Maria Etelvina Lobo dos Santos e Silva Pacheco

FALECEU

Seu marido, José Pacheco, cumpre o doloroso dever de participar aos seus amigos que o funeral se realisa ámanhã 3, pelas 5 horas, da rua José Estevam, 10.

Bolsa de Lisboa

Dia 2

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	42.80
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	43.20
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0|0 1905	11.20
4 0|0 1888	—
4 0|0 1890 coup	—
4 1|2 1888|89 ass	—
4 1|2 1889 coup	—
5 0|0 1909 coup	—
4 1|2 1912 ouro	168.
5 0|0 1917	67.50
3 0|0 externas 1.ª série	153.50
3 0|0 » 2.ª »	—
3 0|0 » 3.ª »	154.
Acções	
Banco Colonial Português port.	—
Banco Colonial Português cop.	—
» Comercial de Lisboa	—
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » (coup.)	227.50
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	125.50
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	121.20
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	223.50
Portugal e Colonial	105.
Cabinda	7.75
Buzi	44.6[illegible]
Ilha do Principe	—
Moçambique	—
Zambezia	8.
Companhia do Boror	72.
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	149.
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon	—
Companhia Nacional, 2.° serie, coupon	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °|o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °|o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	54.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	39$00	41$00
s|Londres cheque	7 1|2	7 1|4
» 90 d. v.	7 3|4	—
Rio s|Londres	7 3|4	—
s| Paris	687	711
s| Italia	376	390
s| Belgica	659	683
s| Suissa	1474	1526
s| Espanha	1141	1181
s| Berlim	110	116
s| Holanda	2760	2860
s| Nova York	8980	9300
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	600	700

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	46,55
» s|Londres	28,03
» s|New-York	—
» s|Berlin	—
Paris s|Londres	—
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	—
» s|Roma	—
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
» Amsterdam	—
» s|Genebra	—
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

Imprensa

Começou ontem a publicar-se em Silves o semanario integralista *A Ideia Nova*. Na proxima segunda feira reaparece no Porto a *Acção Nacional*.

Espectaculos

S. CARLOS—A's 21,30—«Sedutores».
NACIONAL—A's 21,15—«A vida dum rapaz pobre».
S. LUIZ—A's 21—Não há espectaculo.
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«Os conquistadores».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avè Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.